

Considerações sobre a figuração da botânica na obra de Clarice Lispector

Amanda Angelozzi¹⁴

Resumo: Esta apresentação é um recorte da dissertação de mestrado em andamento desenvolvida na área de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP acerca da botânica na produção de Clarice Lispector. Um dos movimentos de fundo da produção da autora é o interesse de dizer sobre o humano e, mais especificamente, tocar o cerne da vida, muito conhecido em sua obra como o núcleo do selvagem coração. A escritora, para falar sobre o humano, perpassa o não humano, uma vez que ambos estão intrinsecamente ligados na trama evolutiva e existencial. Embora muito se tenha estudado a respeito dos não humanos animais na obra clariciana, pouco ainda foi investigado a respeito de outras aparições não humanas. O objetivo da pesquisa, portanto, é estudar um tema ainda pouco explorado na obra da autora: a presença das plantas em suas narrativas. O reino vegetal é caro para a autora e aparece em diversas de suas obras, representando algo muito além de seus sentidos imediatos e dicionarizados, sendo uma importante alteridade, bem como, um espaço para além de mera locação no conjunto de seus textos. Para demonstrar tal inclinação de Clarice Lispector por temas relativos à botânica, além de um breve levantamento bibliográfico desde a temática da busca do núcleo da vida até o interesse por formas de vida não humanas e primárias, exemplifica-se a figuração das plantas com sucintas análises de crônicas em que a sua aparição é elucidativa da importância desse campo temático no conjunto de textos da autora, assim como evidencia o modo incomum e orgânico pelo qual Clarice Lispector incorpora essa figuração em sua obra.

Palavras-chave: Clarice Lispector; botânica; humano; não humano; núcleo.

¹⁴ Amanda Angelozzi possui bacharelado e licenciatura em Letras com dupla habilitação em português e italiano pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Também é licenciada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente, é mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP, orientada pela professora doutora Yudith Rosenbaum. Desde a iniciação científica, é pesquisadora da obra de Clarice Lispector. E-mail: amanda.angelozzi.silva@usp.br.

No livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante*, o crítico Evando Nascimento comenta: “Clarice Lispector trabalha a instituição literária a fim de poder *dizer tudo* sobre o humano” (NASCIMENTO, 2011, p. 129). De fato, por mais que seja impossível esgotar temática de tamanha complexidade, a autora semeia em sua obra uma intenção de, pelo menos, tentar tocar o selvagem coração da vida¹⁵ e adentrar ao mistério de como a vida se formou e de que ela consiste.

A busca pelo núcleo (ou neutro, âmago, cerne, it, matéria elementar, e tantas outras nomeações existentes em sua obra), isto é, o subterrâneo e profundo da existência humana, já foi amplamente discutida pela crítica clariciana e, pode-se dizer, é um dos movimentos centrais de sua produção. O crítico Luiz Costa Lima (1969), por exemplo, nomeia essa inclinação da autora como “busca de definir o centro das coisas” (LIMA, 1969, p. 98), enquanto Carlos Mendes de Sousa (2006), de “obsessão pelo âmago”:

Na obra de Clarice Lispector, ligando-se àquilo que prende e deslumbra e que faz da escritora uma das personalidades literárias mais fascinantes da literatura brasileira, impõe-se a obsessão pelo âmago, pelo núcleo da vida. Nada, nada é por acaso, nada é excrescência ou enfeite na literatura de Clarice: ‘eu não enfeito, eu escrevo simples’, diz a escritora em entrevista. A simplicidade é a fundura que levou a que o exercício fosse o da busca; reflecte-se aí o enfrentamento mais profundo do ser e da linguagem. Clarice escreve o âmago, escreve as figurações primordiais do impulso criador. (SOUSA, 2006, p. 146 e 147)

Nota-se que a passagem pelo não humano é inevitável na investigação clariciana da vida, uma vez que se trata daquilo que antecede e propicia o ser humano em sua trajetória existencial. O assunto também já foi amplamente estudado pela crítica, sobretudo no que tange a aparição de animais, os inumanos mais diretamente ancestrais aos humanos e que são muito caros à autora.

É o caso, por exemplo, da obra *Água viva*, publicada em 1973, em que a narradora diz: “[...] fomos modelados e sobrou muita matéria-prima – it – e formaram-se então os bichos.” (LISPECTOR, 2019, p. 63). Assim, é como se os seres humanos e os animais estivessem intimamente ligados, por serem compostos pela mesma matéria na dança da criação. Dessa maneira, o contato com eles é fundamental nas narrativas claricianas no processo de investigar e tocar o núcleo, pois eles trazem à tona um vislumbre de uma origem há muito perdida, em virtude do processo de aculturação.

¹⁵ Emprega-se aqui termo em referência ao primeiro livro publicado pela autora, o romance *Perto do coração selvagem*, de 1943.

Clarice Lispector considera em sua escavação da existência as diversas formas de vida primárias, como os protozoários, os primeiros animais. De acordo com a narradora de *Água viva*, é quando se adentra na floresta de dentro que o âmago se abre, apresentando-se como não humano:

É um tal mistério essa floresta onde sobrevivo para ser. Mas agora acho que vai mesmo. Isto é: vou entrar. Quero dizer: no mistério. Eu mesma misteriosa e dentro do âmago em que me movo nadando, protozoário. Um dia eu disse infantilmente: eu posso tudo. Era a antevisão de poder um dia me largar e cair num abandono de qualquer lei. Elástica. A profunda alegria: o êxtase secreto. [...]

Nesse âmago tenho a estranha impressão de que não pertenço ao gênero humano. (LISPECTOR, 2019, p. 42)

A escavação da autora através da vida, porém, está para muito além dos animais, alcançando o que é mais elementar e primitivo: as moléculas que formam toda a matéria e substâncias existentes. A origem das origens é marcada, paradoxalmente, no último livro publicado em vida pela autora, *A hora da estrela*, publicado em 1977:

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. (LISPECTOR, 1998, p. 11).

A existência humana está inserida em um complexo e extenso legado, que conta com diversas formas de vida: a primeira forma de vida do planeta, a primeira célula, possibilitou, através da evolução, que surgissem todos os outros seres vivos. Dessa maneira, o “dizer tudo” clariciano é considerar uma complexa teia, a qual aparece desde o primeiro livro da autora, quando a personagem Joana observa o mar e nota que existe algo comum em todos os viventes, constatando que “tudo é um”:

[...] Assim lembrava-se de Joana-menina diante do mar: a paz que vinha dos olhos do boi, a paz que vinha do corpo deitado do mar, do ventre profundo do mar, do gato endurecido sobre a calçada. Tudo é um, tudo é um..., entoara. A confusão estava no entrelaçamento do mar, do gato, do boi com ela mesma. (LISPECTOR, 2017, p. 40)

Para dar conta da investigação do humano, da vida e de seu núcleo, Clarice Lispector convocou uma série de formas de vida, porém, nem todas elas tiveram espaço de destaque na crítica, como é o caso das plantas. A figuração da botânica é recorrente e múltipla em suas manifestações ao longo da produção da escritora. Existe em sua obra um vasto

repertório de imagens vegetais, em suas plantas, flores e frutos, fazendo ver que falar do humano passa pelo não humano, e o não humano não se trata apenas de animais.

Tal como os animais, as plantas estão diretamente presentes na história do ser humano, sendo antiquíssimas agentes e espectadoras da existência. Oliver Sacks, no artigo “Darwin e o significado das flores”, salienta que “os seres humanos não estão ligados só a macacos e outros bichos, mas também às plantas. Vegetais e animais, sabemos hoje, têm 70% do DNA em comum” (SACKS, 2009, n.p). Assim sendo, se existe na obra de Clarice Lispector, de acordo com o crítico Affonso Romano de Sant’anna (1973, p. 195), uma “fauna mágica”, por que não considerar que também existe uma *flora mágica* a ser explorada?

As plantas, raras vezes, foram lidas na obra da autora com ênfase, fato que até mesmo foi observado pelo crítico Evando Nascimento em artigo para o dossiê do mês de dezembro de 2020 da *Revista Cult* em comemoração ao centenário da escritora: “Se intérpretes perceberam a importância dos animais, praticamente ninguém se deu conta da relevância das plantas na ficção clariciana” (NASCIMENTO, 2020, p. 18).

Para entender a ausência de estudos a respeito da figuração da botânica na obra clariciana, as considerações do crítico William Rueckert no artigo “Literature and ecology: an experiment in ecocriticism”, de 1978, podem ser agregadoras. Ele comenta que um dos problemas mais discutidos entre os ecologistas é encontrar maneiras de o ser humano conseguir coexistir com a natureza ao invés de destruí-la e que, o ato em si de destruí-la, é um ato suicida. Completando sua linha de raciocínio, ele recupera a Primeira Lei da Ecologia, que considera que tudo está conectado a tudo – o que, coincidentemente ou não, assemelha-se muito à reflexão de que “tudo é um” de Joana:

I invoke here [...] the first Law of Ecology: “Everything is connected to everything else.” This is Commoner’s phrasing, but the law is common to all ecologists and all ecological visions. This need to see even the smallest, most remote part in relation to a very large whole is the central intellectual action required by ecology and of an ecological vision. (RUECKERT, 1978, p. 108)¹⁶

Talvez, para além do fato da crítica ter se voltado largamente aos animais na obra da autora, a pouca menção às plantas se deva ao fato de um olhar do ser humano, de modo geral, pouco voltado para outras formas de vida. Rueckert (1978, p. 113) chama a atenção

¹⁶ Em tradução livre: Eu invoco aqui [...] a primeira Lei da Ecologia: “Tudo está conectado a tudo”. Esta é uma de [Barry] Commoner, mas a lei é comum a todos os ecologistas e todas as visões ecológicas. Essa necessidade de ver mesmo a parte menor e remota em relação a um todo maior é a ação intelectual central exigida pela ecologia e para uma visão ecológica.

à visão antropocrista de conquista, domesticação e exploração das formas de vida por parte do ser humano, que parece enquadrar-se bem nessa reflexão da obra clariciana. Para além, vale considerar também os termos “cegueira botânica” e “analfabetismo botânico” como possíveis causadores dessa ausência em suas leituras:

[...] a chamada “Cegueira Botânica”, que remete ao fato de as pessoas apresentarem, em geral, pouca percepção sobre as plantas que as circundam, com “sintomas” como a desatenção em relação às plantas presentes no cotidiano, a ideia de que os vegetais são apenas cenário para a vida animal e a falta de compreensão sobre o papel dos vegetais no ciclo do carbono (Wandersee; Schussler, 1999; 2002). [...] Uno (2009) denomina “Analfabetismo Botânico” ligado à falta não só de interesse pela temática, mas também de conhecimento, em diferentes níveis (dos mais pontuais e simples até os mais abrangentes e complexos). (URSI; BARBOSA; SANO; BERCHEZ, 2018, p. 13)

Considerando a exposição e associações apresentadas, a pesquisa de mestrado em andamento a que se refere este resumo estendido pretende trazer luz e evidenciar a botânica na prosa clariciana enquanto um tópos relevante de sua produção, observando que as plantas, na dinâmica das relações sócio afetivas, representam uma alteridade que impulsiona a interioridade das personagens, revelando o que está encoberto no vivido cotidiano; bem como, que o espaço botânico, muito além de mera locação, funciona como mediador dos encontros mobilizadores com as plantas. Do mesmo modo, também se manifesta como uma materialização dos processos internos de autodescoberta e/ou crise.

Um dos modos de aproximar-se dessa inclinação botânica da autora tentando analisar a forma como se apresenta essa alteridade e esse espaço vegetal são as crônicas reunidas no volume *A descoberta do mundo*. Um dos textos que mais se destaca, e um dos que motivou o tema desta dissertação de mestrado, é a crônica “Dicionário”, datada de 3 de abril de 1971, porque cataloga e detalha uma infinidade de tipos de flores¹⁷.

A caracterização das flores é peculiar no texto, pois vão desde suas cores e de onde estão localizadas, até sentimentos e atitudes que elas têm ou despertam nos outros: o Cravo é violento, já a Violeta, introvertida, a Orquídea, uma mulher esplendorosa, a Azaleia é feliz e dá felicidade, para citar alguns exemplos. Assim, observa-se que as flores são tratadas como uma forma de vida complexa e dotada de subjetividade.

¹⁷ Com poucas alterações, o mesmo texto também aparece em *Água viva*.

O detalhamento e riqueza descritiva impressiona, o que pode ser explicado em outra crônica, “Eu tomo conta do mundo”, datada de 4 de março de 1970¹⁸:

No Jardim Botânico, então, fico exaurida, tenho que tomar conta com o olhar das mil plantas e árvores, e sobretudo das vitórias-régias.

[...] Também não se trata de um emprego pois dinheiro não ganho por isso. Fico apenas sabendo como é o mundo.

Se tomar conta do mundo dá trabalho? Sim. [...] Observo em mim mesma as mudanças de estação: eu claramente mudo com elas.

Hão de me perguntar por que tomo conta do mundo: é que nasci assim, incumbida. (LISPECTOR, 1999, p. 276).

O fato de “tomar conta do mundo” parece explicar o porquê de as percepções sobre a natureza serem tão elaboradas, pois a cronista muito se ocupou em olhar atentamente a vida vivendo. Por sua vez, as plantas e as árvores também olham de volta, não sendo meros seres passivos na existência. Assim, nota-se que a reciprocidade entre os seres é uma forma de ser na obra de Clarice Lispector: ela muda com as estações como as plantas, ela olha e é olhada, tudo sendo uma via de mão dupla, sem hierarquias.

O contato com a natureza é enriquecedor, o que aparece também em “O ato gratuito”, crônica datada de 8 de abril de 1972. No texto, o contato com o núcleo se dá através do contato com a alteridade botânica, cujo fundamento de existência é a entrega livre ao viver. Assim, a vida das plantas não consiste em trocar a sua vida por dinheiro, prazer, ambição ou quaisquer demandas outras, mas sim, de apenas viver, sem egoísmo e sem desigualdade.

Eu ia ao Jardim Botânico para quê? Só para olhar. Só para ver. Só para sentir. Só para viver.

Saltei do táxi e atravessei os largos portões. A sombra logo me acolheu. Fiquei parada. Lá a vida verde era larga. Eu não via ali nenhuma avareza: tudo se dava por inteiro ao vento, no ar, à vida, tudo se erguia em direção ao céu. E mais: dava também o seu mistério.

O mistério me rodeava. Olhei arbustos frágeis recém-plantados. Olhei uma árvore de tronco nodoso e escuro, tão largo que me seria impossível abraçá-lo. Por dentro dessa madeira de rocha, através de raízes pesadas e duras como garras - como é que corria a seiva, essa coisa quase intangível e que é vida? Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo. (LISPECTOR, 1999, p. 411)

Dessa maneira, na busca pela linha que costura a vida, comum entre humanos e não humanos, Clarice constrói os seus textos na intenção de investigar o núcleo por meio de um processo inverso ao evolutivo, isto é, retrocedendo até o mais primitivo e basilar para encontrar aquilo que tudo liga. Assim, o que fundamenta a sua escrita é tocar o sumo do

¹⁸ O texto também foi incorporado em *Água viva*, logo após o dicionário de flores.

fruto até alcançar o caroço primordial, ainda que tal meta nunca se absolutize. Por isso, a importância de dizer a vida a partir da própria vida, convocando animais, mas também protozoários, mulheres, homens e plantas. Cabe aos leitores e críticos também romperem com a perspectiva antropocêntrica e perfurarem a rede que separa as formas de vida diversas, tanto dentro quanto fora do campo literário, adotando uma perspectiva clariciana de exercitar a humildade e não o narcisismo, no sentido de abrir mão de posicionar a humanidade como centro e fundamento de todas as coisas.

Referências bibliográficas

COSTA LIMA, Luís. “A Mística ao Revés de Clarice Lispector”. In: *Por que Literatura*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Água viva: Edição com manuscritos e ensaios inéditos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Mediafashion, 2017.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. “O humano e o não humano”. *Revista Cult*. São Paulo, ed. 264, dez. 2020.

RUECKERT, William. “Literature and ecology: an experiment in ecocriticism”. Disponível em

<<https://static1.squarespace.com/static/5441df7ee4b02f59465d2869/t/58f2e526bf629a9dbf74f778/1492313394594/RUECKERT++Literature+and+Ecology.pdf>>. Acesso em 12 de mar. de 2021.

SACKS, Oliver. “Darwin e o significado das flores”. *Revista Piauí*, ed. 28, jan. 2009. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/darwin-e-o-significado-das-flores/>>. Acesso em 16 de ago. de 2018.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Laços de família e Legião Estrangeira”. In: *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SOUSA, Carlos Mendes de. “A íntima desordem dos dias”. In: LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Lisboa: Edições Cotovia, 2006.

URSI, Suzana; BARBOSA, Pércia Paiva; SANO, Paulo Takeo; BERCHEZ, Flávio Augusto de Souza. “Ensino de botânica: conhecimento e encantamento na educação científica”. *Estudos Avançados - Revista USP*, São Paulo, n. 32(94), p. 7-24, 2018. Disponível em <<http://botanicaonline.com.br/geral/arquivos/Ursi%20et%20al%202018%20Estudos%20Avan%C3%A7ados.pdf>>. Acesso em 20 de mar. de 2021.